

## Crõnicamente atrazado...

Por irritante descontrolo entre as nossas disponibilidades de tempo, sai o presente número com alguns dias de atrazo.

Baldados os nossos esforços para evitar esta irregularidade, resta-nos pedir desculpa aos nossos prezados assinantes.

(Avença)



ANO XVI N.º 390

MARÇO — 19

1 9 6 8

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na  
TIPOGRAFIA UNIAO

Tel. 22319 — Rua do Município, 12 — FARO

DIRECTOR INTERINO

José Maria da Piedade Barros

EDITOR E PROPRIETARIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração

GRÁFICA LOULETANA

Tel. 216 — R. da Carreira — LOULÉ

## UM ESPÍRITO LÚCIDO QUE SE APAGA

# FALECEU O DR. JAIME GUERREIRO RUA

«A Voz de Loulé» está de luto pesado. Morreu o seu director, Doença impertinente e implacável arrastou do nosso convívio o Dr. Jaime Guerreiro Rua, após prolongado e martirizante sofrimento que lhe definhou o corpo e apagou um espírito que fora lúcido e bem formado.

Apesar de há meses esperada, a morte do Dr. Jaime Rua abalou profundamente o coração dos louletanos, porque todos os louletanos conheciam o Dr. Jaime Rua e todos se habituaram a ver nele o homem probo e íntegro, o pai carinhoso e o marido dedicado, o advogado honesto e o amigo sincero que a todos falava com aquela afabilidade que só os seus sabem ter.

Com a morte do Dr. Jaime Rua, Loulé perdeu, sem dúvida, um dos seus mais ilustres filhos, numa época em que os autênticos valores são cada vez mais escassos e em que é cada vez mais acentuada a falta de homens à altura dos problemas cada vez mais complexos dos nossos dias.

Espírito bem formado, devotado às causas justas, de acentuada formação religiosa a que bem cedo se devotara por laços familiares e por inclinação natural, o Dr. Jaime Rua foi bem o exemplo daquela honestidade de carácter que é apanágio dos homens que fazem da rectidão de princípios a sua norma de vida.

O desenlace verificou-se às 4,30, do dia 12 e mal a manhã despontou logo a notícia correu célere e desoladora por toda a Vila. Telefones retinaram, velhos amigos acorreram com os corações dilacerados pelo choque.

Em pouco tempo, o lar do Dr. Jaime Rua se encheu de familiares e amigos compungidos de dor. Perante o corpo inerte, os corações dos seus familiares sangravam de dor por esse presente já paradoxalmente ausente. A desolação e o luto entraram naquele lar que fora tão feliz.

E multiplicaram-se as manifestações de dor e de saudade. A família, cansada de tanto sofrer, tinha de aceitar com incontinente resignação a triste realidade. Acabara-se o sofrimento daquele a quem tanto amavam e que viam partir a cumprir os seus

gnios do Senhor que o chamava à Sua divina presença.

Ainda de manhã, entre os numerosos amigos compareceu também Sua Ex.ª Reverendíssima o Sr. Bispo do Algarve. Deslocou-se a Loulé a apresentar condolências à desolada família, tendo rezado pela alma do saudoso extinto.

Depois, a triste nova espalhou-se rapidamente pelo Algarve e resto do país, até onde um amigo do Dr. Jaime Rua aguardava com ansiedade o desenrolar duma doença atrás. E começaram a chegar, às dúzias os telegramas de condolências, exteriorizando a mágoa dos que estavam ausentes.

Encontramo-lo recentemente na Avenida, no derradeiro passeio que deu a pé pelas ruas da nossa e sua querida terra. Ambos ficámos comovidos quando nos disse «agora, mesmo que queira, já não posso ajudá-lo, já nem posso ler». E, enquanto as lágrimas lhe corriam pela face rematou: «Isto é o princípio do fim». As suas palavras chocaram-nos profundamente porque adivinhámos a veracidade da sua expressão e porque sabíamos do seu desgosto profundo em pensar que o fim se aproximava quando o espírito ainda sentia vontade de viver. Quando a sua família ainda tanto dele precisava. Quando ainda não perdera o gosto de viver.

Nessa altura já não podia escrever nem podia ler. Esse desgosto aterrorizava-o, roubava-lhe dias de preciosa vida. A ele, que tão bem sabia escrever. Que tanto gostava de escrever. Que sentia acendrado amor à sua e nossa «gazeta». Falava sempre na nossa «gazeta» e percebíamos o quanto lhe custava não ter nem vagar, nem paciência, nem disposição para colaborar assiduamente na nossa «Voz».

Há anos que, praticamente, não valorizava este jornal com o brilho fluente da sua pena, mas sentia verdadeiro amor ao jornalismo e soube fazê-lo quando debatia problemas do mais alto interesse para a nossa terra e para a nossa província.

Escrevendo ou falando, Jaime Rua era sempre igual a si mesmo: a sinceridade da sua bela

## NOSSO QUERIDO DIRECTOR e Deputado pelo Algarve à Assembleia Nacional



alma de eleição transparecia na sua prosa fluente, na sua palavra clara. Sabia escrever e sabia falar. De improviso. Com facilidade. Sem rodeios supérfluos. No Tribunal, onde foi sempre uma voz honesta a defender os fracos e os oprimidos. A defen-

der a Lei e a Justiça e... os homens quando estavam em causa sentimentos humanos que a Lei não podia acautelar.

Nas assembleias, nas conferências, nos banquetes, nas reuniões sociais, era sempre o mesmo Jaime Rua, com a sua pala-

vra fluente, a sua dicção perfeita, a sua graça natural a alegrar o ambiente. E tinha sempre uma anedota própria para o momento próprio.

Era um prazer a sua convivência, a sua personalidade impunha-se onde quer que estivesse.

Ele vivia feliz, com uma esposa dedadíssima, 7 filhos que adorava e três netos que eram o seu enlevo. Por isso tinha amor à vida. Queria ainda viver mais para ter tempo de ver feitos homens os seus rapazes. E chorava por sentir como a vida lhe fugia perante a impotência da medicina e os desvelos de uma família extenuada que tudo sacrificava para o acompanhar na sua dor e minorar o seu sofrimento atrás.

Ele sofreu tanto! Dia a dia, hora a hora, durante quase dois longos meses, a doença implacável fê-lo sofrer duramente e também quantos, vendo-o martirizado, se compungiam do seu sofrimento.

Os dois meses foram arrastantes para o doente e seus familiares, mas o mal já vinha de mais longe. Há mais de um ano que crises cíclicas o atormentavam, impedindo-o de trabalhar, de ler, de andar. E o mal foi evoluindo, lenta e inexoravelmente, contaminando sangue e órgãos vitais, até que pareceu impossível uma esperança de restabelecimento. Era a luta da medicina contra a morte. Neste aspecto teve relevante importância a extrema dedicação do seu grande amigo e abalizado médico Dr. Manuel Cabeçadas. Foi incansável, sacrificando o seu bem estar, as suas necessidades de repouso, dando-se inteiramente ao estudo da evolução da doença, aliviando o sofrimento mesmo quando viu baldadas todas as suas esperanças.

A qualquer hora da noite, a todas as horas do dia em que o

seu amigo sentisse quaisquer sintomas de agravamento do mal que o consumia, lá estava o Dr. Cabeçadas a ministrarlhe um lenitivo para as suas dores, a confortá-lo com uma palavra de esperança, a animá-lo com a sua presença amiga. Não podia ter sido mais amigo nem melhor médico, mas a medicina era impotente para travar a marcha da doença e toda a sua extrema dedicação apenas teve o prodígio de prolongar a vida do seu amigo até onde era possível.

Já há alguns anos, no Hospital de Loulé, o Dr. Manuel Cabeçadas vencera... salvando o Dr. Jaime Rua duma morte que seria certa se não fosse a dedicação incomum dum bom médico e leal amigo.

Desta vez, porém, a morte venceu! De resto, a morte acaba sempre por vencer, mas é sempre doloroso aceitá-la... principalmente quando pensamos que ainda é cedo para a aceitarmos.

O Dr. Jaime Rua era uma personalidade marcante no nosso meio ambiente e como tal era geralmente escolhido para o exercício dos cargos de maior relevo. Desde os tempos já distantes em que foi Comandante de Lança da Legião Portuguesa, passando pelas funções de Provedor da Santa Casa da Misericórdia, em 2 Mesas, Presidente da Federação dos Grêmios da Lavoura do Algarve, Presidente Diocesano da Acção Católica, Conservador interino do Registo Predial e de dirigente de várias sociedades recreativas locais, o Dr. Jaime Rua soube imprimir o seu cunho pessoal no desempenho das funções que foi chamado a desempenhar.

Ultimamente, embora a sua débil saúde não lhe permitisse tomar parte activa na solução dos problemas que lhe poderiam

(Continuação na 3.ª página)

## CASA DE LUTO

Morreu o Dr. Jaime Rua. Morreu o Director deste Jornal.

Morreu novo. Com 55 anos apenas. Na flor da vida. Quando tanta falta fazia ainda.

A si e aos seus. Ao jornal que dirigia. A Loulé, mesmo. A Província que amava. Até à Nação de que era Deputado.

Paz à sua alma e que Deus o conserve na sua Santa Glória. O Jaime era um bom, mas bom mesmo, na melhor acepção de palavra.

Tão bom que muitos o julgavam fraco e dominável servindo-se dessa bondade em seu proveito.

Mas o Jaime era bom e sabia perdoar.

Da sua acção contemporizadora muito poderia contar quem viveu a vida pública de Loulé, durante mais de quatro décadas de intensa actividade e, por força do cargo, envolvido em problemas políticos e sociais de Loulé.

A sua alma era um espelho e o seu coração uma arca de inesgotável bondade e perdão.

Sempre na sua boca uma palavra de paz, um gesto de apaziguamento uma religiosa vontade de acalmar de suavizar posições

e atitudes que pudessem conduzir à briga e à disputa.

Pessoalmente fui, duas ou três vezes, alvo de más intenções que através da sua bondade, se projectaram contra mim.

Mas não guardei rancor e sim pena, porque sabia bem que ele era amigo e aquilo saía de outros, de outros, a quem também não fiz mal, mas que achavam que eu dizia verdades. E, nem todas as verdades, se dizem...

Mais tarde, em momento de nojo, procurei-me e quis dar-me uma satisfação de tudo o que se passara.

Não o deixei e poupei-lhe, porventura, esse acto de contrição que poderia, de certo modo, humilhá-lo. Dei-lhe um abraço e voltámos a ser amigos. Bons amigos.

Ultimamente, logo que me soube doente, foi ver-me e encorajar-me, animar-me, dar-me conforto e contou anedotas. Uma das suas boas facetas.

Mal sabia, que dias depois, eu iria acompanhar o seu funeral. Mas a sua bondade inata — achou que era de aconselhar resistência.

(Continuação na 3.ª página)

## IN REGIONE VIVORUM

Sempre me senti impressionado com uma palavra da liturgia católica no princípio do Ofício dos Defuntos — «Agradarei ao Senhor na região dos vivos».

Pois a «região dos vivos» não é aquela em que nos encontramos e onde se desempenham todos os dias as enredadas tragédias e comédias de que se compõe aquilo a que chamamos vida? Como nos vêm recordar, precisamente quando alguém baixa à «região da morte», a palavra de um salmo a que o próprio autor não deu sentido misterioso, pois os comentadores fazem equivaler a expressão — na região dos vivos — a estouta mais compreensível — entre os vivos?

Pensando bem, «isto» é vida? Esta «coisa» a que o poeta chama «ai que mal soa», «sombra que foge», «nuvem que voa»?

O grande fisiologista francês Cláudio Bernard não hesitou em afirmar que «a vida é a morte». Disse-o num sentido fisiológico e materialista. Podíamos espiritualizar o paradoxo considerado que é com a morte que a verdadeira vida começa. «Muda-se, não se extingue» — canta-nos a esperança cristã.

«Há depois desta vida ainda outra [vida] Não se reduz a nada um grão de [areia] E havia de a nossa alma, a nossa [fideia] Nas ruínas do pó ficar perdida?»

Pode lá ser que um estúpido acidente, um desprezível microbio, uma demasiada produção de matéria nociva ao organismo

(Continuação na 3.ª página)

## Na hora de luto a minha dívida de gratidão

Grato, como sou, não posso deixar de me ocupar do inditoso amigo agora desaparecido do número dos vivos, por ter sido chamado por Deus à sua divina presença.

Jaime Guerreiro Rua, esse distinto advogado que no Algarve marcava um lugar de muito respeito, era um homem que sabia qualificar o seu semelhante. Não era o seu mister profissional de molde a ser simpático ou a agradar a todos. Mas o seu fundo bem formado, a sua sociabilidade bem equilibrada, o seu louletanismo de fino porte, o seu bairrismo de elevado grau, eram virtudes que, devidamente consideradas, o tornavam estimado no seu meio ambiente. De aspecto concentrado, o Dr. Jaime Rua dava bem a nota, nos últimos anos, de que era uma pessoa doente.

Vem de longe a minha simpatia pela família Rua.

Seu avô paterno, o «escrivão Rua», como era conhecido, era



# QUER ACOMPANHAR-ME?...

(XIX)

Levo-o, ainda hoje, a uma digressão pelo passado da Colegiada de S. Clemente de Loulé. Estamos em 1607. Reina em Portugal Filipe III de Espanha, II de cá. E bispo do Algarve D. Fernando Martins Mascarenhas, illustre a muitos títulos.

Mas é um Visitador da Ordem que vem até à Matriz e aí exara os decretos que vamos ler neste velho livro.

Oiga, «El porque fomos informados dos grandes escândalos que se seguem de se cantarem os ofícios divinos na Capela-Mor aos domingos e dias santos de guarda. Mandamos ao Prior, Benef, e mais ministros da Ig.ª em virtude de obediência e sob pena de excomunhão maior e de 20 cruzados para o Convento e despesas da Mesa da Consciência e a sexta parte para o Meirinho da Vizitação, que daqui em diante não cantem mais as missas e os ofícios divinos na Capela-Mor nos ditos Domingos e dias Santos de guarda e cantá-los-ão no Coro que he lugar deputado para se rezarem as horas canónicas e se cantarem as missas, excepto nos ofícios da Semana Maior, porque esses se farão na Capela-Mor, com parecer do Prior da Ig.ª»

Não é só o amigo que arregala os olhos perante aqueles «escândalos»; sou eu também, nesta idade atómica em que, cada dia, vemos virar do avesso até daquelas coisas que eram «sob pena de excomunhão» e em que temos de procurar realizar a palavra de Cristo: «Bemaventurado aquele que não se scandalizar por amor de mim»...

Outra conclusão que se tira das palavras que sublinhei na transcrição é a de que a Igreja tinha *coro*, onde cabia a comuni-

dade, e não o reles coreto que os *dogmáticos monumentais* foram impingindo no restauro...

Agora um privilégio que a Colegiada tinha quanto a nomeação de ecónomos. «Não vindo o proprietário apresentar-se até 15 dias do mês de Maio para haver de servir seu benefício aquele ano, o P.º e Benefícios presentes no serviço da igreja presentem ecónomo até véspera de S. João Baptista e passado este dia e não apresentado perdessem o direito de apresentar e o Mestre proveiria na tal serventia quem lhe parecesse».

A seguir põe-se cobro a um escândalo daqueles que se vêem a olho nu. «Alguns padres do hábito de Santiago traziam o seu gado por lugares defesos e colmeiros pela Câmara do que o Povo recebia escândalo e perda muito grande. E porque os Sacerdotes não de dar a todos exemplo, mormente os Religiosos, Mandamos... que eles não tragam mais o seu gado nos ditos lugares defesos...»

O traje do clero foi sempre objecto de grande cuidado dos superiores, pois, embora «o hábito não faça o monge», ajuda muito a fazê-lo. Pelo menos sabe-se onde está «monge»...

O trecho de visita que vou ler-lhe é curioso: «Mandamos... que não tragam chapéus *cuscuteiros* (não embirre com o nome), por serem indecentes ao hábito regular, mas usarão de sombreiros largos com fitas ou cordões, como sempre se costumou na nossa Ordem, o que cumprirão em virtude de obediência e de perderem o dito chapéu para o Meirinho da Ordem».

Era radical, ein? Chapéuzinho apreendido para evitar futuras tentações. Mas, para que queres o meirinho os chapéus? Talvez para os fazer a dinheiro, visto que deviam estar na moda entre os seculares.

Alvaro Pais

(CONTINUA)

## Notícias da VENEZUELA

Em Maracay (Venezuela), teve o seu bom sucesso no passado dia 18 de Dezembro do ano findo, dando à luz uma robusta criança do sexo feminino (à qual foi posto o nome de Marilyn) a sr.ª D. Maria Judite Figueiredo de Zacarias, esposa do nosso prezado assinante sr. Cristóvão Faisca Zacarias.

Realizou-se no passado dia 25 de Dezembro, na Capilla Lourdes (Venezuela), a cerimónia do baptismo do menino Félix Clemente Caetano Figueiredo, filho da sr.ª D. Graciete Caetano Figueiredo e do sr. Clementino José Figueiredo, tendo apadrinhado o acto a sr.ª D. Maria Judite Figueiredo de Zacarias e o sr. Cristóvão Faisca Zacarias.

Na mesma igreja e no mesmo dia, realizou-se o baptismo do menino Nelson Nazaro Pires Bota, filho da sr.ª D. Graciete Bota e do sr. José Maria Pires Mendonça, tendo apadrinhado o acto, a sr.ª D. Maria Judite Figueiredo de Zacarias e o sr. Cristóvão Faisca Zacarias.

Em Maracay (Venezuela), teve o seu bom sucesso, dando à luz uma robusta criança do sexo masculino, a sr.ª D. Deonilde Ramires Guerreiro de Faisca, esposa do nosso prezado assinante sr. Rogério Sousa Faisca. O recém nascido recebeu o baptismo na Catedral de Maracay no dia 28 de Dezembro do ano findo.

Os nossos parabéns pelos felizes acontecimentos.

## NOVO REGIME DE BENS COMUNS

O novo Código, recentemente entrado em vigor, encerra profundas alterações ao anterior, que o público terá a maior vantagem em conhecer.

Uma dessas alterações refere-se ao casamento. No anterior Código, o regime de comunhão geral de bens vigorava desde que não houvesse declaração expressa em contrário.

Agora o regime regular das relações patrimoniais entre os cônjuges, na constância do casamento e supletivamente aplicável, na falta da convenção expressa, passou a ser o da comunhão geral de bens somente vigorará se for convencionado pelos noivos em escritura pública, a fazer nos respectivos cartórios notariais.

Para evitar situações aborrecidas, que, aliás, já se têm verificado, é pois do maior interesse que os nubentes saibam antecipadamente que se quiserem

efectivamente viver no regime de comunhão de bens, terão de reduzir a escritura pública essa sua vontade antes do casamento, uma vez que, depois, já nada podem fazer nesse sentido.

Quer dizer: se os nubentes casarem sem escritura pública, são considerados próprios de cada cônjuge e, portanto, não comuns, além de outros, os bens que cada um deles tiver ao tempo da celebração do casamento, os que lhe advierem depois do casamento por sucessão ou doação e, ainda os bens sub-rogados no lugar de bens próprios, nos termos do artigo 1723.º do Código Civil.

Neste caso, consideram-se apenas bens comuns do casal aqueles que forem comprados por ambos.

Dada a importância do problema, aqui estamos a lembrá-lo aos pretendentes ao casamento.

(De «Notícias do Cartaxo»)

## Automóveis e Furgonetas

(abertas e fechadas)

NÃO COMPRE NEM TROQUE SEM CONFRONTAR OS PREÇOS DO

### STAND BASILIO

onde poderá adquirir um bom veículo

automóvel por preço de ocasião

Largo de S. Sebastião, 3 e Rua de Loulé, 10

TELEFONE 23613

EM FARO

(em frente das oficinas da VOLKSWAGEN)

Apreeie a diversidade dos modelos em «stock» na nossa Sucursal em PONTES DE MARCHIL, onde mecânicos especializados o atenderão prontamente



## ANÚNCIO

Inocência dos Reis Ramos, Chefe da Repartição de Finanças do Concelho de Loulé.

Faz saber que no dia 28 do corrente mês de Março, às 15 horas, nesta Repartição de Finanças, se procederá à venda em hasta pública do automóvel a seguir indicado, que nos termos do Art.º 1.º do Decreto-Lei n.º 27.908, de 30 de Julho de 1937, foi declarado perdido para o Estado.

### Automóvel

Veículo ligeiro, marca Ford-Taunus, com a matrícula NH-VV-360 com avarias devido a acidente de viação.

Este veículo encontra-se em poder do depositário José Rocheta Morgado, residente nesta Vila, no seu armazém situado na Campina, da freguesia de S. Clemente, desta Vila de Loulé, onde pode ser examinado pelos interessados.

O arrematante, além do preço pagará ainda o adicional de 10% de despesas da praça e o imposto de selo de 3% e o papel selado para o auto de arrematação.

Para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do costume.

Base de licitação: 5.000\$00.

Repartição de Finanças do Concelho de Loulé, 6 de Março de 1968

O Chefe da Repartição de Finanças,

Inocência dos Reis Ramos

«A VOZ DE LOULÉ»

N.º 390 — 19-3-1968

## Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pelo Juízo de Direito da comarca de Loulé, na acção com processo sumário n.º 46/67 pendente na 1.ª secção, movida pelo Autor António Correia Modesto, casado, comerciante, morador no povo e freguesia de Paderne, concelho e Julgado Municipal de Albufeira contra ANTONIO GONÇALVES ALELUIA, agricultor e mulher ISAURA DO ESPIRITO SANTO, doméstica, ausentes em parte incerta da Venezuela e com a última residência conhecida no País no sítio da Cêrca Velha, referida freguesia de Paderne e OUTROS, são aqueles réus ausentes citados para contestarem, querendo, apresentando a sua defesa no prazo de 10 dias decorrida que seja a dilação de 30 dias a contar da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, sob a cominação de virem a ser condenados no pedido que o autor deduz naquele processo e que consiste em os réus serem julgados habilitados como únicos herdeiros do falecido Domingos Gonçalves Aleluia e nessa qualidade serem condenados a pagar ao autor a quantia de 32.920\$90, proveniente de várias letras de câmbio aceites pelo falecido Domingos, respectivos juros desde o vencimento, à taxa legal, custas, selos e procuradoria.

Loulé, 2 de Março de 1968

O Escrivão de Direito,

João do Carmo Semedo

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

João Pedro Gomes Lopes da Cunha

## Contribuições e Impostos

Para conhecimento dos interessados, se comunica que, a partir do próximo mês de Abril, estão a pagamento, nas Tesourarias da Fazenda Pública, as seguintes contribuições e impostos.

Contribuição Industrial — Grupo C, 1967; Imposto de Capitais — Secção A, 1967.

Contribuição Industrial: A contribuição industrial deverá ser paga em duas ou três prestações iguais, com vencimento em ABRIL e JULHO ou em ABRIL, JULHO e OUTUBRO, quando superior a 200\$00 e 300\$00, respectivamente. As colectas até 200\$00 deverão ser pagas por uma só vez durante o mês de ABRIL.

Não sendo paga qualquer das prestações, ou a totalidade da contribuição no mês do vencimento, começarão a correr imediatamente JUROS DE MORA. Passados 60 dias sobre o vencimento da contribuição ou de qualquer das suas prestações sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo para arrecadação da totalidade do imposto, considerando-se vencidas, para o efeito, as prestações ainda não pagas.

Imposto de Capitais: «note bem»: O pagamento efectuar-se-á de uma só vez, durante o mês de ABRIL (art.º 46.º do Código) findo o qual começarão a correr imediatamente JUROS DE MORA, calculados de harmonia com a tabela em vigor. Passados 60 dias sobre o vencimento da dívida, sem que se mostre efectuado o pagamento, haverá lugar a procedimento executivo (art.º 50.º do Código).

«A VOZ DE LOULÉ»

N.º 390 — 19-3-1968

## Tribunal Judicial da Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se saber que na acção de processo ordinário pendente na 2.ª secção de processos da Secretaria Judicial desta comarca, em que são: Autor — José Gago, casado, trabalhador agrícola, residente no sítio da Goncinha, freguesia de S. Clemente, deste concelho e Ré — Maria Baptista, doméstica, moradora em parte incerta do Brasil e cujo último domicílio conhecido foi no sítio de Mato Salgueiro, Goncinha, deste concelho, correm editos de 30 dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando a referida ré para no prazo de 20 dias, findo o dos editos, contestar, querendo, o pedido de divórcio litigioso, deduzido pelo autor com fundamento nas alíneas a) e f) do art.º 1778.º do Código Civil, aplicável por força do disposto no art.º 1792.º do mesmo diploma.

Loulé, 5 de Março de 1968

O Escrivão de Direito,

Henrique Anatólio Samora de Melo Leote

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

João Pedro Gomes Lopes da Cunha

## Terreno para construção

Vende-se terreno para construção, junto à Estrada Nacional, entre Loulé - Gare e Quatro Estradas.

Tratar pelo telefone 171 — ou Rua da Barbacá, 31 — Loulé.

# PRÉDIOS em LOULÉ' e QUARTEIRA

VENDEM-SE por motivo de partilhas

Em Loulé:

1.º — Uma morada de casas térreas com quintal, na Rua da Legião Portuguesa:

Área coberta . . . . . 544 m2  
Área do quintal . . . . . 773

Total: . . . . . 1317

2.º — Uma morada de casas térreas com dependência e quintal, na Rua Nuno Álvares Pereira:

Área coberta principal . . . . . 42 m2  
Área da dependência . . . . . 10  
Área do quintal . . . . . 25

Total: . . . . . 77

3.º — Uma morada de casas térreas com quintal, na Av. José da Costa Mealha:

Área coberta . . . . . 150 m2  
Área do quintal . . . . . 310

Total: . . . . . 460

Em Quarteira:

4.º — Uma morada de casas térreas com quintal, na Rua Eng.º Duarte Pacheco:

Área coberta . . . . . 74 m2  
Área do quintal . . . . . 90

Total: . . . . . 164

5.º — Uma morada de casas c/ rés-do-chão e 1.º andar, com dependência e quintal, na Rua Eng.º Duarte Pacheco:

Área coberta principal . . . . . 123 m2  
Área da dependência . . . . . 27  
Área do quintal . . . . . 100

Total: . . . . . 250

Trata o Senhor Dr. MANUEL GONÇALVES, advogado em Loulé, Rua Almirante Cândido dos Reis.

«A VOZ DE LOULÉ»

N.º 390 — 19-3-1968

## Tribunal Municipal de ALBUFEIRA

ANÚNCIO

1.ª publicação

FAZ-SE PÚBLICO, que pelo Tribunal Municipal de Albufeira, correm editos de 20 dias contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados Sebastião Coelho, casado, proprietário, residente em Paderne, António Coelho, casado, comerciante, e João Guerreiro Madeira, casado, industrial, residentes em Almejoafra, deste Julgado, para no prazo de DEZ dias posteriores ao dos editos, reclamarem querendo o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados aqueles executados, sobre que tenham garantia real, nos autos de Execução Sumária que aos mesmos move o Banco Pinto & Sotto Mayor, com sede em Lisboa.

Albufeira, 24 de Fevereiro de 1968

O Juiz Municipal

(a) Francisco de Sales Dias Fernandes

O Escrivão de Direito,

(a) Túlio Augusto Leandro

## Lã alentejana

VENDE-SE cerca de 1.000kg, de 1.ª qualidade.

Tratar com Manuel Mateus Pires - CORTE d'OURO - Ameixial - Algarve.

## ARMAZÉM

Aluga-se um armazém, com dependências anexas para habitação, com área aproximada de 400m2, situado na Av. Marçal Pacheco, em Loulé. Tratar com António Francisco Contreiras - Telefone 30 — Loulé.

## PRÉDIO

Vende-se um prédio com rés-do-chão e 1.º andar, na Rua D. Paio Pires Correia, em Loulé.

Tratar com Helena Julião — Rua Marquês de Pombal — Loulé

## TRESPASSE

Em Boliqueime

Trespasa-se um estabelecimento de tecidos, mercerarias, cereais, vidros louças, etc.

Concedem-se facilidades.

Tratar com viúva de Rodrigo Joaquim de Sousa. Telef. 34 BOLIQUEIME.

## TRESPASSA-SE

Por motivo de retirada para o estrangeiro, trespasa-se uma mercearia e taberna, situada no Largo Tenente Cabeçadas — Loulé.

Nesta redacção se informa.

## TURALGARVE

89, Praça da República, 100 LOULÉ

Passagens - Vistos - Passaportes - Excursões

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS  
AUTOMÓVEIS DE ALUGUER S/ CONDUTOR

venda e reserva de  
passagens para todo o mundo

PREÇOS OFICIAIS — TARIFAS REDUZIDAS  
SERVIÇO NACIONAL E INTERNACIONAL

AGÊNCIA AUTORIZADA

Embarques rápidos para África

TURALGARVE  
AGÊNCIA DE TURISMO ALGARVE

LOULÉ

TELEF. 193

A assistência em LISBOA é prestada na n/ Filial, Rua Luciano Cordeiro, 6 - C - Telef. 53 82 40, pelo n/ sócio gerente sr. RODRIGO GUERREIRO MATIAS.



# NA HORA DE LUTO

(Continuação da 1.ª página)

o chamou a si, minha alma de rapaz algumas lágrimas de saudade verteu.

Agora é seu filho que parte para o Além. Do avô para o pai e deste para o filho, o meu sentimento choca-se por sentir que, com a morte do dr. cessa em mim aquela chama de particular estima que era filha de três gerações da família Rua. É certo que ele deixou continuadores, mas estes já estão fora da minha órbita.

Foi o dr. Jaime Rua um excelente meu amigo. Ele sabia que eu havia sido considerado por seu pai e por seu avô. E por assim ser, em duas oportunidades que teve, não se retraiu de me salientar em público. A primeira foi no dia em que o Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro visitou Loulé. E fê-lo na imagem que transcrevo:

«Loulé compartilha também, das honrarias que vos são prestadas. É que entre vós há um filho desta Vila, um dos mais conhecidos, dos mais dinâmicos do vosso grupo. Ele, como todos, soube honrar o seu nome de português. Por isso, disse, Loulé compartilha das homenagens que vos prestam».

A segunda foi na sede da Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco quando ali fiz uma conferência a que ele assistiu: exaltou as minhas qualidades de louletano dedicado e a minha condição de modesto conferencista.

Por todas as razões, pois, não posso calar em minha pessoa a gratidão que fico devendo à memória do dr. Jaime Rua. Ele não me ouve, não sabe que o meu reconhecimento nesta hora de luto

## In regione vivorum

(Continuação da 1.ª página)

destruam e aniquilem uma personalidade, feita de pensamento, de virtudes humanas e, às vezes, de grandeza e heroísmo?

Não! Digo com João de Deus:

«... a pó não se reduz  
A luz, a alma do homem:  
Nem os vermes a consomem;  
Os vermes não comem luz!»

Fui ruminando estes pensamentos no funeral do querido Amigo Dr. Jaime Rua e, ao chegar a casa, escrevi-os para os exarar neste jornal que foi seu, como preito de saudade a quem foi um homem bom, um bom católico, um exemplar chefe de família e um excelente amigo, que bem mereceu ser agradável ao Senhor, na região dos vivos.

Alvaro Pais

## Notícias de ALTE

Realizou-se nesta aldea, no dia 27 de Fevereiro, — Dia de Entrudo — uma alegre festa carnavalesca, a que assistiram muitas pessoas desta freguesia. Apresentou-se um casamento à antiga e uma paródia às batalhas de flores.

A Junta de Freguesia, segundo consta, está empregando os melhores esforços no sentido de resolver o problema da limpeza da povoação, dos esgotos e remoção dos lixos para lugar próprio.

Faleceu a sr.ª D. Julieta Martins Guerreiro, de 41 anos de idade, cujo funeral constituiu grande manifestação de pesar, pois a referida senhora era geralmente estimada. Era casada com o sr. Anacleto Duarte Santos, comerciante, residente em Alte.

Apresentamos sentidos pesames à família enlutada.

C.

R. P.

# Banco do Algarve

FARO

## Dividendo de 1967

Avisam-se os senhores accionistas que a partir do dia 25 de Março de 1968 estará a pagamento o dividendo das acções deste Banco relativo ao exercício de 1967, cujo líquido é, respectivamente:

Para as acções nominativas 4\$40,625  
Para as acções ao portador 3\$51,5

O pagamento efectuar-se-á todos os dias úteis durante as horas de expediente.

# Justificação Notarial

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ — 1.º CARTÓRIO — NOTARIO: LICENCIADO NUNO ANTONIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA

Certifico, narrativamente, para efeito de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º B-32, de fls. 94 a 98, v.º, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada ontem, na qual a Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de São Sebastião, do concelho de Loulé, se declarou dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem, dos seguintes prédios:

NÚMERO UM — rústico, que se compõe de courela de terra de semear, com figueiras, sobreiras e pinheiros, no sítio do Trafal, freguesia de Almansil, deste concelho de Loulé, que confronta do nascente com José Nunes da Palma e outros, antes com João Nunes da Palma, do norte com José Gonçalves Iria e outros, antes com Manuel Joaquim Pedro, do poente com ribeiro e caminho e do sul com o ribeiro e o mar, inscrito na matriz, em nome da justificante, sob o artigo n.º 4912, com o valor matricial e atribuído de 14 200\$00 e a desanexar do descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho, sob o n.º 27 434, a fls. 35, v.º do livro B-70.

NÚMERO DOIS — misto que se compõe de terra de regadio e sequeiro, com várias noras e tanques, com diversas árvores e morada de casas com 6 compartimentos térreos, com a superfície coberta de 102 m², duas ramadas com 88 m², duas dependências com 55 m² e um alpendre com 56 m², no referido sítio do Trafal, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, que confronta do nascente e norte com José Gonçalves Iria e outros, do poente com caminho e herdeiros de Casimiro de Aragão Barros e não apenas com estes e do sul com herdeiros de Casimiro de Aragão Barros e outros, inscrito na matriz predial rústica no artigo n.º 4363, e na urbana no artigo n.º 826, em nome da justificante, com o valor matricial e atribuído total de 694 940\$00 e desanexar do descrito na mesma conservatória, sob o n.º 26 500, a fls. 161 do livro B-67.

Que o domínio útil dos referidos prédios se encontra inscrito na referida conservatória do registo predial de Loulé, em nome de Manuel Joaquim Pedro, que foi residente no sítio do Poço do Peso, da freguesia dita de São Sebastião.

Que os mesmos prédios pertencem, hoje à justificante, por os ter herdado daquele Manuel Joaquim Pedro, na qualidade de sucessora em todos os direitos e obrigações, da Comissão Administrativa de Nossa Senhora da Piedade do concelho de Loulé, que aquele nomeou herdeira do remanescente de seus bens, isto é, de todos os seus bens depois de pagos os legados por eles instituídos, conforme consta da escritura de habilitação de 3 de Abril de 1946, lavrada a fls. 32, v.º do livro de notas número 125-A, do ao tempo notário desta Secretaria, Dr. José Joaquim Soares, actual 2.º Cartório.

Que estes prédios a desanexar dos descritos sob os n.ºs 27 434 e 26 500, são as partes restantes destes prédios depois de deles terem sido destacadas parcelas, como prédios distintos, para pagamento dos legados feitos pelo referido Manuel Joaquim Pedro, conforme consta da escritura de pagamento de legados e divisão e demarcação, de 21 de Fevereiro de 1947, lavrada a fls. 6 do livro de notas n.º 28-C, do ao tempo notário da Secretaria Notarial de Faro, Dr. Alfredo Rocha de Gouveia. Que os prédios atrás identificados foram desanexados do descrito sob o n.º 5 137, a fls. 190, v.º do livro B-13, que era assim constituído: — Casas de habitação, armazéns, cavalariça, ramadas, palheiros e terrenos de semear, regadio e arvoredo, compreendendo os terrenos do Trafal e Almargem da Fonte Santa, denominada «O Trafal», nas freguesias de Almansil e São Clemente, hoje, freguesia de Quarteira, que confinava do nascente com Manuel António Pires, do norte com Manuel Coelho e outros, do poente com Joaquim Mendonça e outros e do sul com Joaquim Mendonça e o mar.

Que este prédio era foreiro, encontrando-se o domínio directo de 40 mil reis e 120 alqueires de trigo anuais inscrito na mesma conservatória a favor da Câmara Municipal de Loulé, pela inscrição n.º 1 659, a fls. 20, v.º do Livro F-3, inscrição datada de 7 de Fevereiro de 1895.

Que o domínio útil do mesmo prédio n.º 5 137 se encontra inscrito a favor de José Francisco de Barros, solteiro, maior, residente em Loulé, por o ter arrematado em hasta pública em 29 de Maio de 1892, pela inscrição n.º 4 093, a fls. 117 do Livro F-5.

Que o referido domínio directo foi comprado para efeito de re-

mição, pelo citado José Francisco de Barros, solteiro, maior, residente em Loulé, por prego que ignora, à Câmara Municipal de Loulé, conforme constava das cartas de remição, uma do foro de 40 mil reis e outra do foro de 1 723 litros e 2 decilitros (120 alqueires) de trigo, passadas em nome de D. Amélia, Rainha Regente e datadas de 29 de Novembro de 1902, a favor do citado José Francisco de Barros, cartas essas identificadas sob o n.º 83, no arrolamento a que se procedeu no inventário que correu os seus termos no Tribunal Judicial desta comarca por óbito do mesmo José Francisco de Barros, ocorrido em 1905. Que essas cartas se extraviaram, não sendo possível encontrá-las, não obstante as buscas e diligências efectuadas, o que lhe não permitia fazer a prova da remição daquele domínio directo, pelos meios normais. Que ao referido domínio directo foi atribuído o valor de 80.000\$00.

Que do prédio atrás identificado descrito sob o n.º 5 137, foi desanexado o descrito na respectiva conservatória sob o n.º 25 352, a fls. 175, v.º do livro B-64, que foi inscrito a favor de Casimiro de Aragão Barros, solteiro, maior, residente em Loulé, pela inscrição n.º 6 440 a fls. 139 do Livro G-6, por lhe ter sido adjudicado no inventário por óbito do avô José Francisco de Barros.

Que do mesmo prédio 5 137 foi desanexado o descrito sob o n.º 25 364 a fls. 183 do mesmo livro, que, pela inscrição n.º 6 451, a fls. 141, v.º do livro G-6, foi inscrito a favor de Maria do Carmo de Aragão Barros Cravo, casada com José Joaquim Aguiar Cravo, por lhes ter sido adjudicado no citado inventário por morte do avô, José Francisco de Barros. Que o mesmo prédio foi inscrito a favor de Ana de Aragão Barros, Casimiro de Aragão Barros e Maria Tomásia de Aragão Barros, solteiros, por o terem comprado aqueles José Joaquim Aguiar Cravo e mulher, pelas inscrições n.ºs 6 602 e 6 604, respectivamente a fls. 176, v.º e 177 do livro G-6.

Que de parte desanexada dos referidos prédios n.ºs 25 352 e 25 364, foi constituído o prédio descrito sob o n.º 27 233 a fls. 133 do livro B-69, que foi inscrito a favor de Manuel Rodrigues Anica, casado, das Quatro Estradas, freguesia de São Clemente, deste concelho e Manuel Inácio dos Santos e mulher, Maria Joaquina, pela inscrição n.º 7 835 a fls. 52 do livro G-8, por o haverem comprado, em comum e partes iguais, aos referidos Casimiro, Ana e Maria Tomásia.

Que do prédio descrito sob o n.º 27 233 se desanexou o descrito sob o n.º 27 434, a fls. 35, v.º do livro B-70, do qual faz parte o prédio atrás identificado em primeiro lugar, que foi inscrito a favor de Manuel Joaquim Pedro, solteiro, maior, pela inscrição n.º 7 961, a fls. 81, v.º do livro G-8, por o ter comprado aos referidos Manuel Rodrigues Anica e mulher, e Manuel Inácio dos Santos e mulher.

Que do mesmo prédio n.º 5 137, foi desanexado o descrito sob o n.º 26 500, a fls. 161 do livro B-67, do qual deve ser desanexado o atrás identificado, em segundo lugar. Que este prédio n.º 26 500 foi inscrito a favor de Laura do Carmo Barros, casada com João José Martins Caraga, pela inscrição n.º 7 297, a fls. 128, v.º do livro G-7 e averbamento n.º 1, por lhes ter sido adjudicado em consequência da divisão e demarcação efectuada no inventário obrigatório, a que se procedeu por óbito de seu pai, José Francisco de Barros.

Que metade do mesmo prédio foi inscrito a favor de Justina Barros Caraga da Costa e marido, Alberto da Costa, pela inscrição n.º 7 303, a fls. 130, do livro G-7, na qualidade de únicos herdeiros de seu pai e s'gr, referido João José Martins Caraga.

Que o mesmo prédio foi inscrito a favor de Manuel Joaquim Pedro, solteiro, maior, pela inscrição n.º 7 307, a fls. 131 do livro G-7, por o haver comprado a Laura do Carmo Barros Caraga, viúva e Alberto da Costa e mulher.

Que as inscrições posteriores à n.º 4 093, exarada a fls. 117 do livro F-5, atrás referidas, embora de acordo com a técnica do registo predial, devesssem referir-se apenas ao domínio útil dos prédios a que respeitam, a verdade é que se referem à plena propriedade dos mesmos, por serem todas respeitantes à aquisição de prédios desanexados do prédio n.º 5 137 e resultantes da divisão deste no inventário por óbito de José Francisco de Barros, inventário em que aquele prédio foi descrito como isento, e na verdade já pertencia a este, em plena propriedade, como resulta desta justificação, por terem remido o foro por cartas de 29 de Novembro de 1902. Que verificou-se apenas uma lacuna no trato sucessivo dos registos respeitantes ao prédio n.º 5 137 ou aos dele posteriormente

# FALECEU o Dr. Jaime Guerreiro Rua

(Continuação da 1.ª página)

ser apresentados, o Dr. Jaime Rua era ainda Presidente da Direcção do Grémio da Lavoura de Loulé, vogal do Conselho Municipal, Delegado Regional da Ordem dos Advogados e dirigente de diversas instituições.

Loulé regozijou-se quando da sua eleição para Deputado pelo Algarve à Assembleia Nacional porque sabia ter nele um intrépido defensor das justas causas quando estivessem em jogo legítimos interesses da nossa provincia.

Não foram numerosas as suas intervenções nos debates, até porque a sua saúde já não lhe permitia que dispendesse grandes esforços, mas ainda assim foi brilhante e digna. Soube representar o Algarve e o Algarve perdeu, em Jaime Rua, uma voz prestigiosa na Assembleia Nacional, onde a nossa provincia tem necessidade de ser ouvida.

O Dr. Jaime Rua viveu e sentiu a sua fé e soube transmiti-la aos seus, eivada do mais puro amor paternal.

A Igreja transmitiu-lhe a fé em Cristo e todos os que tiveram a alegria da sua convivência scuberam compreender a sua alma de eleição. O seu semblante irradiava caridade. Era seu desejo constante realizar obras boas. Ele sabia que só à luz da fé a vida tinha sentido. Praticou tanto bem quanto podia e às vezes até mais do que lhe permitiam as suas posses. Tinha um secreto receio de pedir dinheiro pelo seu trabalho honesto. Defendia causas cuja preparação lhe roubava dias preciosos de trabalho estafante para depois pedir escassos escudos ou mesmo nada cobrar. Era assim o Dr. Jaime Rua: honesto, probo, amigo dos pobres e sempre pronto a ajudá-los.

Quando já não devia trabalhar, porque a sua débil saúde já não lhe permitia que trabalhasse, ainda o Dr. Jaime Rua sentia imperiosa necessidade de trabalhar, de dar saída a processos que tinha entre mãos. Mas as mãos já não podiam, já não tinham forças para segurar a caneta, essa caneta que dantes deslizava rápida e firmemente pelo papel. Era o princípio de um sofrimento atroz: primeiro os braços, depois a perda gradual da visão, depois as falhas de lucidez e por fim a morte.

Durante a velatória foi rezado tergo pelo Reverendo Padre Manuel Alves, em que participaram os presentes, tendo o Reverendo Padre Cabeçadas feito uma prática em que relacionou a vida, o sofrimento e a morte do ilustre defunto com algumas passagens bíblicas.

As 12,30 foi rezada missa de corpo presente, na Igreja de S. Francisco, concelebrada por Monsenhor Pardal (em representação do Sr. Bispo do Algarve) e pelos Reverendos Padre João Cabeçadas, Manuel Alves, Passos, Henrique e Manuel Vitorino, tendo o Mons. Pardal feito algumas considerações sobre o exemplo cristão dado pelo Dr. Jaime Rua durante toda a sua vida.

Entretanto com a Igreja repleta de fiéis, amigos seus, vindos de perto e de longe iam enchendo o Largo de S. Francisco, formando uma compacta multidão que quiz acompanhar o Dr. Jaime Rua à sua derradeira morada, num expressivo testemunho da alta consideração e do prestígio que, em todo o Algarve, era tida a figura do Dr. Jaime Rua. Todos queriam prestar-lhe a sua última homenagem. Queriam dizer-lhe o seu último e saudosos adeus, numa comovida manifestação de dor. Insensivelmente muitos olhos brotavam lágrimas de incontinente exteriorização de corações abalados pelo choque do infausto acontecimento.

Apesar da ameaça eminente de chuva, todos os amigos (mesmo aqueles que não fizeram sacrifício) o acompanharam a pé, numa clara demonstração de amizade para quem fora amigo firme e dedicado, de alma sã e coração generoso.

O funeral do Dr. Jaime Rua foi dos maiores que se têm conhecido em Loulé e simbolizou

desanexados, por não se ter feito a favor do citado José Francisco de Barros, a inscrição da aquisição do domínio directo do mesmo prédio, lacuna essa, que com esta escritura se visa remediar.

Está conforme ao original, não havendo na parte omitida, nada em contrário ou além do que se certifica.

Secretaria Notarial de Loulé, 16 de Março de 1968

O Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

toda a simpatia, toda a amargura que sentiam quantos o acompanharam à sua última morada. Até o tempo carrancudo e a chuva miudinha pareciam associar-se a quantos sentiam a dor daquela hora.

Mãos piedosas colocaram flores, muitas, odoríficas e formosas flores naturais e também belas coroas que eram símbolos de amizades sãs.

Da porta do cemitério até ao jazigo de família, o corpo foi transportado aos ombros de seus filhos e familiares mais íntimos.

Além dos seus colegas de Loulé, vimos no funeral do Dr. Jaime Rua os seguintes advogados do Algarve:

Dr. Marreiros Neto, Dr. Passos Valente, Dr. Júlio Almeida Carrapato, Dr. Costa e Melo, Dr. José Correia, Dr. Januário Reis, Dr. Vasco Gracias, Dr. Eduardo Mansinho, Dr. José Júlio Martins, Dr. Valério Bexiga, Dr. Teodoro de Sousa, Dr. Raimundo Ascensão e Dr. Mário Lyster Franco.

A fim de participar nas cerimónias fúnebres daquele que fora seu amigo dedicado e discípulo, deslocou-se proposadamente a Loulé o ilustre Ministro do Exército sr. Coronel Joaquim da Luz Cunha.

Também vimos no funeral do nosso Director os seus amigos srs.: Dr. Quirino Mealha, Comandante Daniel Rocheta e esposa, Dr. José Isidro Farrajota Rocheta e esposa, Dr. José Manuel Teixeira Gomes Pearce Azevedo, Capitão Matias de Freitas, Eng.º Henrique Cassiano, Dr. Armando Cassiano, Manuel de Sousa Pedro, Dr. Joaquim Peixoto de Magalhães, Dr. José Ascensão, Reitor do Liceu de Faro, e Dr. Inocentes Afonso, dirigentes da Acção Católica, Francisco Guerreiro Barros, Arquitecto José Maria Barros, Dr. João Maria Barros Santos, Eng.º Rosado Pereira, Dr. Moniz Nogueira, Eng.º Ollas Maldonado, Tenente Coronel Francisco Dentinho, Padre Carlos Patrício, Capitão Rafael Pereira, Amador Guerreiro Amado, Dr. Fausto Redondo Pinheiro, Dr. António do O da Silva, Dr. Juiz Corregedor da Circular de Faro Dr. Pedro Cluny, Raúl Bivar (Presidente da Junta Distrital), Regente Agrícola Joaquim Nunes (representante da Federação N.º 1.º Trigo), Dr. Armando José Rocheta Cassiano, Manuel da Cruz Azevedo, Henrique Gomes Vieira Arroube Correia, Dr. Pilar Afonso, Dr. Francisco Dias Cavaco, Dr. Mário Guerra Roque. O sr. Eng.º Sebastião Ramires fez-se representar pelo sr. Raul Pinto.

De Lisboa e de todo o Algarve vieram muitos mais amigos daquele que também fora nosso amigo dedicado, mas seria tão impossível conhecer todos como mencionar aqui todos os seus nomes.

De todo o país continuam a chegar telegramas, cartas, cartões de pêsames, que são testemunho evidente e inofensível das incontáveis amizades de Jaime Rua, da popularidade que o seu nome gozava, de prestígio de que era aureolado. E todos esses telegramas, cartas e cartões contêm palavras de dor e de saudade, são exteriorizações de mágoa pela perda irreparável de alguém que ficou fazendo falta aos seus familiares, aos seus amigos, à sua terra, à sua provincia.

Porque também sentimos essa mágoa, porque o luto também nos atingiu, bem gostaria de publicar os nomes de todas as pessoas que exteriorizaram os seus sentimentos de pesar para dessa forma lhes agradecerem mais directamente a sua comunhão de sentimentos, mas sentimos que isso não é possível porque muitos se esconderam num discreto anonimato e ainda porque das centenas de telegramas recebidos, a maioria se identifica vagamente. Há apenas um sentimento de solidariedade para com a desolada família e é isso que conta.

A redacção do nosso jornal também têm chegado numerosas mensagens de condolências e por isso sentimos que é nosso dever retribuir mais directamente essa gentileza, publicando os nomes das pessoas que comungam com a nossa dor, o que faremos no próximo número.

O saudosos extinto, que contava 55 anos de idade, deixa viúva a sr.ª D. Maria da Conceição Corpas Rocheta Rua e era pai das srs.ªs D. Maria Helena Rocheta Guerreiro Rua Almeida Carvalho, casada com o sr. Eng.º Nuno Alvares de Almeida Carvalho; da sr.ª D. Maria Raquel Rocheta Guerreiro Rua Durão Leitão, casada com o sr. Eng.º António Gabriel de Sousa Durão Leitão e dos srs. Tenente Miliciano Antó-

(Continuação na 4.ª página)



## Noticias pessoais

### ANIVERSARIOS

Fazem anos em Março:

Em 6, a menina Roménia Felicidade Calço Nunes, residente na Venezuela.

Em 8, a sr.<sup>a</sup> D. Nidia Maria de Sousa Alagoinha.

Em 12, o sr. Joaquim de Sousa Nunes, residente na Venezuela.

Em 17, a menina Maria Margarida Vasques do Nascimento.

Em 18, os srs. Felisberto Mestre Marum e António Silvestre Pinguinha, residente na Guiné.

Em 20, as sr.<sup>as</sup> D. Maria Isabel dos Santos Ferreira e D. Maria da Luz Pires Guerreiro Cavaco, residente em Castro Verde, e a menina Hercília Maria Rosa da Fonseca e o menino Francisco Manuel Lopes Encarnação, residente em Reguengos de Monsaraz.

Em 21, as meninas Erlinda Nunes da Piedade e Maria José Ramiro Mendonça e o sr. José Bento Batel, residente em Lisboa.

Em 22, as meninas Maria Antonieta Pontes Barros e Maria Cecília Oliveira Calado.

Em 23, as sr.<sup>as</sup> D. Maria dos Santos Gonçalves e D. Maria de S. José Adro Gago, a menina Maria José Calço, e o sr. Alexandre Bento Carrilho.

Em 24, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Gabriela Vaz de Barros Vasques e o sr. Faustino de Jesus Pinguinha e a sr.<sup>a</sup> D. Gabriela Maria Valério de Sousa Martins, residente na Austrália.

Em 26, a sr.<sup>a</sup> D. Deolinda Mendes, residente na Austrália e o sr. João Maria Martins da Silva e a sr.<sup>a</sup> D. Teolinda Correia Mendes, residente na Austrália.

Em 27, a menina Virgínia Guerreiro Alcaria, residente na Venezuela.

Em 28, a sr.<sup>a</sup> D. Maria José Pina e os srs. António Joaquim Mendes Pinguinha, residente na Venezuela e Alexandre João do Nascimento, residente em Boli-queime e a menina Maria Margarida Silvestre Campina.

Em 30, o sr. Casimiro José da Piedade Mata e a menina Cidália Maria Carrusca Gualdino, residente no Canadá e o menino José António Guerreiro dos Santos.

Em 31, o menino José António Figueira Aranha.

Fazem anos em Abril:

Em 1, os srs. Arquitecto Eurico Pinto Lopes, residente em Lisboa, Octávio Rodrigues Contreiras e Octávio José Martins, residente na Venezuela, e a menina Maria da Silva Guerreiro e a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Brito Figueiras.

Em 2, a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Lourdes do Nascimento Jacinto.

Em 3, os srs. José Guerreiro Farrajota Cavaco, Francisco José Ramos e Barros Júnior e Eng. Alexandre Guerreiro Correia Frade, residente no Porto.

Em 4, as sr.<sup>as</sup> D. Maria Iolanda Pinheiro Pinto Wanhon, residente em Lisboa, D. Gertrudes Maria Duarte Cavaco e D. Maria da Glória Silva Leal Rocheta.

Em 7, a menina Marinete de Brito Andrade.

Em 8, os srs. João Manuel da Conceição Domingues, Carlos Alberto Feio Bolotinha, José das Neves de Sousa e José Maria Plácido Calço.

Em 9, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 2, a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Lourdes do Nascimento Jacinto.

Em 3, os srs. José Guerreiro Farrajota Cavaco, Francisco José Ramos e Barros Júnior e Eng. Alexandre Guerreiro Correia Frade, residente no Porto.

Em 4, as sr.<sup>as</sup> D. Maria Iolanda Pinheiro Pinto Wanhon, residente em Lisboa, D. Gertrudes Maria Duarte Cavaco e D. Maria da Glória Silva Leal Rocheta.

Em 7, a menina Marinete de Brito Andrade.

Em 8, os srs. João Manuel da Conceição Domingues, Carlos Alberto Feio Bolotinha, José das Neves de Sousa e José Maria Plácido Calço.

Em 9, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 10, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 11, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 12, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 13, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 14, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 15, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 16, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 17, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 18, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 19, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 20, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 21, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 22, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 23, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 24, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 25, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 26, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 27, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 28, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 29, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 30, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 31, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 1, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 2, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 3, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 4, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 5, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 6, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 7, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 8, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 9, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 10, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 11, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 12, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 13, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 14, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 15, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 16, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 17, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 18, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 19, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 20, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 21, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 22, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 23, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 24, o sr. José da Conceição Júnior.

Em 25, o sr. José da Conceição Júnior.

## FALECEU o Dr. Jaime Guerreiro Rua

(Continuação da 3.ª página)

Dr. Jaime Guerreiro Rua, Luís Filipe Rocheta Guerreiro Rua, João Nuno Rocheta Guerreiro Rua e dos meninos Jaime Maria e Joaquim Manuel Rocheta Guerreiro Rua e irmão das sr.<sup>as</sup> D. Raquel Guerreiro Rua Espadinha Galo, casada com o sr. José Maria Espadinha Galo, D. Maria Valentina Guerreiro Rua Queimado Serpa, casada com o sr. António Queimado Serpa.

Era tio das sr.<sup>as</sup> D. Maria Josefina Rua Frade Lory, casada com o sr. Alberto Manuel de Atouguia Lory; sr. José Jaime Rua Espadinha Galo; sr. D. Maria Teresa Rua Espadinha Galo Esteves, casada com o Capitão da Aeronáutica sr. Geraldo José Leal Esteves; sr.<sup>a</sup> D. Maria d'Assunção Rua Espadinha Galo Neto, casada com o sr. Joaquim Manuel Cabrita Neto; sr.<sup>a</sup> D. Maria da Piedade Mimoso Rocheta e o sr. José Manuel Mimoso Rocheta e avó das meninas Maria José Rocheta Rua d'Almeida Carvalho, Maria Gabriela Rocheta Rua Durão Leitão e do menino Paulo Miguel Rua Durão Leitão.

Filho do sr. Jaime Acácio Rua e da sr.<sup>a</sup> D. Raquel da Costa Guerreiro Rua, falecidos) o Dr. Jaime Rua nasceu em Loulé no dia 26 de Maio de 1913, tendo feito o seu curso liceal em Faro, onde se revelou aluno aplicado e muito inteligente, conseguindo as mais altas notas da sua turma.

Foi aluno brilhante da Faculdade de Direito de Lisboa, onde concluiu a sua formatura em 1932 com elevada classificação.

Colocado em Castro Marim, como Conservador do Registo Predial, regressou 3 anos depois à sua terra natal onde se iniciou nos meandros da advocacia.

Pela seriedade com que tratava dos problemas que lhe eram confiados, pela forma inteligente e sabedora com que orientava as causas que defendia, o Dr. Jaime Rua era o advogado preferido por quantos precisavam de resolver os mais intrincados problemas forenses ou apenas de um conselho amigo. Por isso a sua vida tinha que desdobrar-se em longos serões numa vã tentativa de conseguir pôr os seus problemas em dia.

Jaime Rua era bom e naturalmente simples, mas era «alguém». Não tinha necessidade de o demonstrar em público com as paragonas duma vaidade tão arrogante como balofa. Valia pelo que realmente era e não pelo que pudesse demonstrar que fosse. Era um espírito alegre e despojado, sem preconceitos nem fingimentos, que sabia im-

por-se naturalmente, sem precisar de pedestal nem de reservar distâncias para conviver com todos. Não tinha «peneiras», embora vivesse numa época em que quase é necessário ser-se «penelento» para se ser considerado.

O Dr. Jaime Rua pertence à pleiade daqueles «mortos que não morrem». Ele continuará espiritualmente presente no coração de cada amigo, de cada louletano que se habituou a estimá-lo pela afabilidade do seu belo carácter e pela finura do seu trato social. Homem digno mas simples, sem o insolente pedantismo daqueles que se querem fazer importantes. Cumprimetador e sorridente, a todos tratava com igual deferência, com aquela linha de conduta que só os grandes sabem ter. Por isso era estimado e admirado... mercedamente. Também por isso a sua morte foi mais sentida, maior o vácuo que deixou no coração de quantos sentiram a alegria do seu convívio.

O sr. Dr. Jaime Rua era presentemente uma das figuras do maior prestígio no Algarve e um autêntico valor. O Algarve fica, por isso, mais pobre de valores intelectuais.

Que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

J. M. Piedade Barros

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O Jornal de Notícias», «O Primeiro de Janeiro», «Correio do Sul», «Jornal do Algarve», «Povo Algarvio», «Folha do Domingo», «O Algarve» e «Diário da Manhã».

que saibamos, tiveram a gentileza de se referir ao passamento do nosso saudoso director, os nossos prezados colegas: «Diário de Lisboa», «Diário Popular», «O Século», «O